

(aprendendo)

Direitos Humanos com Nísia Floresta

Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885) foi celebrizada com o pseudônimo de [Nísia Floresta Brasileira Augusta](#). Precursora da defesa de direitos humanos é considerada, também, pioneira do feminismo no Brasil. É difícil focalizar sua principal atuação como pensadora, educadora, escritora, poeta, jornalista, abolicionista, militante por direitos de escravos e índios, republicana e feminista. Se hoje, em pleno século XXI, a mulher ainda é submersa na intolerância do machismo e de políticas de exclusão, no século dezenove a invisibilidade da mulher, recolhida à maternidade e à tirania do patriarcado, era ainda maior. Talvez por isso, entre tantas faces de sua personalidade combativa e revolucionária, ela gostasse mais de ser lembrada por ter influenciado e interferido nas práticas educacionais, cuja “Consciência antecipadora delineou a emancipação feminina pela via do conhecimento e denunciou as injustiças impostas às mulheres” ([Almeida & Mas Dias, 2009:11](#)). Sua rica história de vida, sempre permeada de viagens e mudanças de seus locais de fala, foi acompanhada pela permanente capacidade de escrever livros e em jornais. De sua biografia, cabe destacar alguns fatos que, certamente, moldaram seu caráter e perfil intelectual. Obrigada a se casar aos 13 anos, como era o costume da época, separou-se meses depois, sendo por isso estigmatizada e, mesmo, perseguida. Seu pai, advogado português, era também perseguido pela origem lusitana, em virtude das várias insurreições nacionalistas que ocorriam no país, no período. Foi assassinado em 1828, por defender uma causa contra a poderosa família Cavalcanti de Olinda-PE. A morte de seu pai foi registrada no livro “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*” [tradução de Nísia do livro do mesmo nome de Mary Wollstonecraft, inglesa, reverenciada como defensora dos direitos das mulheres nos séculos 18 e 19]. “*Esse advogado, que fizera triunfar o direito de seu pobre cliente, alvo da injustiça atroz de um tal tirano, caiu de improviso sob os golpes de assassinos pagos por ele.*” ([Campoi, 2011:196-213](#)).

O brado de indignação de Nísia, aos 18 anos, sem se referir ao pai e sim a “*esse advogado*” para marcar a diferença entre justiça e injustiça e contra a tirania, vai pautar sua vida. Também é definitiva a sua opção pela educação de mulheres num contexto em que às mulheres era reservado um papel totalmente voltado para o lar. É com esse espírito que ela funda no Rio de Janeiro, em 1838, o (polêmico) Colégio Augusto. É curiosa a nota de seu lançamento:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na rua Direita número 164, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação doméstica de uma menina, ensinarse-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais da geografia. Haverão igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. ([Almeida & Mas Dias, 2009:18](#))

O tom da crítica, publicada no jornal *O Mercantil*, a esse “tipo” de educação feminina mostra a realidade da época: “*Trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos.*” ([Campoi, 2011:196-213](#)). De seu livro *Opúsculo Humanitário*, de 1853, extraímos uma frase:

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país. Por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra atentem para os exemplos que a História apresenta do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho. (pag 42)

Nísia morreu na França e repousa em solo brasileiro. Quem for ao Rio Grande do Norte e se lembrar dessa grande brasileira pode visitar a linda região praieira, a 40 km de Natal: o antigo município de Papary, onde, na fazenda Floresta, nasceu e lá no município que leva seu nome repousa. Por isso, não procure por Papary, que em 1948 mudou de nome. Procure pelo município de Nísia Floresta. Se você for não vai se arrepender, seja pela beleza, seja pela lembrança de uma mulher brasileira que nos enche a todos de orgulho.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.